

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

Victor José Barella Ferreira

**Capitalismo e Religião: A geografia crítica das Igrejas Neopentecostais sob os
ditames contraditórios da economia política**

São Paulo
2017

Victor José Barella Ferreira

**Capitalismo e Religião: A geografia crítica das Igrejas Neopentecostais sob os
ditames contraditórios da economia política**

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Alfredo

São Paulo
2017

AGRADECIMENTOS

Antes de agradecer propriamente ao círculo de relações que me constituem como ser - e que só através deles pude completar o presente trabalho - insta reconhecer o esforço voluntário das pessoas que lutam por uma sociedade mais igualitária, justa e amorosa, onde os fracos e oprimidos são defendidos fielmente, pois esta é a esperança fonte de toda a inspiração que mantém a sabedoria do coração acesa e a inteligência do cérebro radiante.

Agradeço aos meus pais, Susana Barella e Alfredo Ferreira, a minha avó Elvina Bonini e ao meu irmão Raphael Barella por toda sustentação do meu ser nos momentos mais vulneráveis da infância, almejando o bem do corpo, da alma e do espírito, auxiliando na germinação da astúcia virtuosa que todos nós possuímos e a vida requer nos momentos mais difíceis.

Agradeço ao carinho e paciência da companheira amorosa Marina Pasquetto por me ensinar a sentir o mundo com o coração e estimular minha trajetória terrena que agora estará repleta de amor.

Agradeço a esta Universidade de São Paulo, à Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas e ao Departamento de Geografia, e um agradecimento especial ao professor e querido amigo Anselmo Alfredo, pois através de sua incrível intelectualidade pude abrir os olhos para uma nova e instigante perspectiva crítica do mundo contemporâneo e com isso fomentar o tema da presente pesquisa, e desde já agradeço pela sua orientação humilde, amigável e reverente em todo processo de realização deste trabalho.

Aos amigos e amigas conhecidos durante o curso de geografia que certamente fomentaram discussões acadêmicas fundamentais, no qual transformaram maravilhosamente o processo de formação e amadurecimento do ser, em especial o grande amigo Danilo Macedo, pois seus conselhos de ordem conceitual me ajudaram no processo de assimilação e compreensão do pensamento geográfico enquanto Ciência, também agradeço aos grandes amigos Pablo Hafez e Nicolas Ascensão pelas discussões das áreas mais misteriosas do conhecimento, bem como todos e todas que participaram ativamente nos círculos de discussão, Taciana Ribeiro, Marcus Vinicius, João Gabriel, Juliano Pagin, André Mari, Danilo Fink entre outros grandes colegas conhecidos durante a graduação. Obrigado!

Por fim, a todos que contribuíram nas discussões e ensinamentos fora dos muros da universidade - Karla Cury, Grace Borges, Marcelo Borin, Francisco Gabriel - que estavam participando na construção do pensamento do atual trabalho enquanto egrégora coletiva: a minha gratidão!

“É verdade que Deus disse que vocês não devem comer de nenhuma árvore do jardim? A mulher respondeu para a serpente: Nós podemos comer dos frutos das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Vocês não comerão dele, nem o tocarão, do contrário vocês vão morrer’. Então a serpente disse para a mulher: De modo nenhum vocês morrerão. Mas Deus sabe que, no dia em que vocês comerem o fruto, os olhos de vocês vão se abrir, e vocês se tornarão como deuses, conhecedores do bem e do mal.”

(Gênesis 3:1-5)

*“O Mercado (I)
 Eis o deus-supremo, o deus-mercadoria
 Valor único na vida, árida e vazia
 Foram-se os salvadores, morreram as quimeras
 Os sonhos grandes e ocos de outras eras
 O Deus-Mercado, único e global,
 É agora o grande deus universal
 Ricos e pobres, crentes e ateus
 Se curvam e rojam a este grande deus
 Eis a herança sagrado-profana
 De heróis e gênios da espécie humana.
 Tudo se afundou na doce fantasia
 Que um sistema irracional e cego prometia
 Toda a luta inglória por um mundo diferente
 Ajudou este deus pançudo e decadente”*

(...)

(Leonel Santos)

RESUMO

O seguinte estudo analisa o crescimento do movimento religioso denominado neopentecostalismo, no distrito do Rio Pequeno localizado no município de São Paulo, configurando-se como um tema importante à pesquisa acadêmica, uma vez que tal crescimento religioso se apresenta como fenômeno registrado em toda metrópole paulista. A pesquisa buscou o caminho de compreender a doutrina do neopentecostalismo para então analisá-la a partir dos pressupostos categorias de Marx e da atual crise da ficcionalização valor. Neste cenário, a religião neopentecostal atua como uma instituição que afirma os modos de ser propagados pelo capitalismo contemporâneo, demonstrando optar por uma orientação econômica através de suas práticas devocionais. Constituindo assim uma aproximação entre capitalismo fictício, consciência religiosa e a expansão da religião Neopentecostal.

PALAVRAS-CHAVES: crescimento Neopentecostal, pensamento religioso, metrópole, periferia, crise do valor.

Aluno: Victor José Barella Ferreira

Orientador: Prof. Dr. Anselmo Alfredo

SUMÁRIO

1.	Resumo	6
2.	Introdução	8
3.	Pressupostos conceituais para o entendimento do sistema social produtor de mercadorias - Capitalismo	13
4.	O movimento religioso denominado Neopentecostalismo	
4.1.	Entendo sua origem: Pentecostalismo	19
4.2.	História e Dogma do Neopentecostalismo	20
4.3.	Expansão e perfil socioeconômico do Neopentecostalismo	24
4.4.	Crescimento Neopentecostal no bairro do Rio Pequeno: estudo de caso	26
4.5.	Geografia Crítica do crescimento Neopentecostal	29
5.	Atual crise econômica e a ficcionalização do valor	
5.1.	Crise econômica e colapso financeiro	35
5.2.	Aproximações teóricas entre o dogma neopentecostal e a naturalização do valor	38
5.3.	Crise econômica, simultaneidade negativa e crescimento da religião Neopentecostal: uma aproximação	40
6.	Considerações finais	42
7.	Bibliografia	47

INTRODUÇÃO

Nos mais diversos períodos da história humana, e sobretudo na sociedade produtora de mercadorias, o pensamento religioso está presente. A crença no sobrenatural, apesar de complexa, pode ter emergido dos componentes mais básicos da cognição humana. A existência de Deus pode ser alvo de inúmeros debates, mas seus seguidores certamente existem. Quase toda civilização considerou algum poder sobrenatural, sugerindo que os seres humanos sejam propensos a acreditar no metafísico, ou seja, o pensamento religioso aparece como constituinte da vida humana. Caminhando conjuntamente com o pensamento religioso estão as instituições religiosas que ao longo do tempo mudaram suas formas e adequaram seus discursos.

Porém, no sistema capitalista (Marx, 2013), as instituições religiosas, bem como o pensamento religioso, assumem caráter específico muito diferente das civilizações antigas, uma vez que ambos são sustentados pela lógica social da produção de mercadoria, e assim suas funções assumem sentidos contraditórios: por um lado as instituições religiosas se dizem autênticas, autóctones e transcendentais, por outro reproduzem todos os pressupostos próprios da consciência moderna, naturalizando o que é fruto de uma lógica social. E na realidade social da metrópole paulista vemos crescer uma nova instituição religiosa, o neopentecostalismo, cujas formas de reprodução se mostram diretamente relacionadas com a sujeição do indivíduos aos grilhões do capital.

O neopentecostalismo apresenta um conjunto de crenças de origem cristã e uma peculiar doutrina da prosperidade (Mariano, 1999), que consiste na busca imediata por uma melhor condição de vida. Ligado à essa doutrina está a prosperidade material-financeira, que surge como promessa divina nos templos, atraindo maior quantidade de fiéis - sobretudo os que vivem em condições de dificuldade financeira, pois tal doutrina promete, em via de regra, que a então

sonhada riqueza monetária e uma melhor condição de vida será promovida por um meio sacralizado.

Para pensarmos no crescimento do neopentecostalismo é necessário observar que as tradicionais crenças católicas de penalizar através dos pecados, o contentamento com as dificuldades próprias da vida social (voto de *pobreza*), a condenação do excesso de lucro (*usura*) e a necessidade de aguardar o momento *post mortem* para encontrar a possível “felicidade verdadeira” parece não se adequar mais aos indivíduos contemporâneos à crise do valor (Kurz, 1993), pois dentro do modelo socioeconômico capitalista os indivíduos buscam o que é desejo de todos, o livre gozo das mercadorias, ou seja, o paraíso pode sim estar na “Terra” e, além do mais, é uma mercadoria!

A Igreja Católica Apostólica Romana marcou sua presença como religião oficial no processo histórico da constituição religiosa da formação da cidade de São Paulo (Vasconcelos, 1996), transmitindo um conjunto simbólico de crenças, ritos, cerimônias litúrgicas e especialmente de socialização - e consequentemente territorialização. Na cidade de São Paulo do período colonial predominou a prática do catolicismo romano, característica muito importante na consideração da forma urbana contemporânea, pois a partir daí configura-se os gérmenes do bairro, o que via de regra era fundado com uma paróquia (Seabra, 2001). Refere-se aqui o importante papel da religião como componente estratégico no projeto econômico e político de colonização portuguesa e consequentemente da formação da cidade, como é elucidado precisamente nesta passagem:

A cidade concentrou o poder: era sede do bispado, nível hierárquico da Igreja coordenador das práticas levadas ao nível do vivido que totalizavam a existência do nascimento à morte; era lugar da administração da "coisa pública" que também "ia nascendo" com a República; era lugar de negociar. Era o lugar de convergência de todos os sujeitos sociais envolvidos nas relações e nos conteúdos que lhe davam existência; nela, os homens de negócios são também elite política, e é por isso que também na cidade esteve sempre concentrado o essencial da vida civil, política, e religiosa. (SEABRA, 2001, p. 2)

Desta forma fica evidente o papel da religião católica na formação da cidade de São Paulo. Contudo, é importante fazer a distinção, para que não exista confusão entre os conceitos de religiosidade, pensamento religioso e religião (Seabra, 2001). A primeira refere-se às crenças e superstições do sujeito, a segunda trata-se da efetivação da consciência por um viés metafísico e o terceiro à institucionalidade político-econômica de uma estrutura religiosa (como é o caso do Estado Papal de Roma e do neopentecostalismo).

Mas no século XXI a Igreja Católica perde forças por diversos motivos - que não serão tratados na presente pesquisa apesar de deixar suas marcas espaciais e culturais. Vamos nos atentar ao crescimento da religião Neopentecostal que, em suas variadas formas, desenvolveu-se em paralelo com o processo de urbanização das últimas décadas, e esta pesquisa buscou entender criticamente tal fenômeno.

Diante disso o estudo crítico da presença das Igrejas Neopentecostais no bairro do Rio Pequeno, localizado na zona oeste do município de São Paulo, se mostrou realmente possível. Num primeiro olhar a Igreja Católica Apostólica Romana, ao longo das últimas décadas, se mostrou muito rígida e pouco disposta a elaborar uma política de aproximação com a população residente nas grandes metrópoles. Por outro lado, as Igrejas Neopentecostais manifestaram flexibilidade em seu corpo institucional e estão determinadas em constituir um ideal de acolhimento e aproximação dos líderes religiosos (no caso o Pastor) com os moradores e, sobretudo, agregando uma doutrina de prosperidade, promovendo assim um aumento acentuado de número de fiéis. A ruptura do monopólio católico favoreceu o ingresso e a atuação de novos movimentos religiosos e também o pluralismo religioso (Mariano, 1999).

Devido ao crescente ingresso da população na doutrina religiosa neopentecostal (Mariano, 2011) ocorrem conflitos de interesse entre as variadas

vertentes do movimento religioso. Há uma assídua disputa de fiéis e de território para construção de novas sedes religiosas, aparentemente como uma concorrência empresarial, onde o indivíduo é a peça chave no fortalecimento ideológico e a sacralização do dinheiro - conjuntamente à crise - e isto surge como forma consciência necessária ao seu crescimento enquanto instituição religiosa.

Para aprofundar a reflexão, serão citadas referências à obras que criticam o modelo econômico produtor de mercadorias e a forma-consciência própria de tal modelo (Marx, 2013; Kurz, 1993; 2009; Benjamin, 2013; Fausto, 1997); livros que estudam a história e o dogma religioso neopentecostal (Mariano, 1999; 2011; Souza, 1969; Fajardo, 2011); e sobretudo autores do pensamento geográfico que entenderam a reprodução do espaço urbano (Santos, 2005; 2009; Caldeira, 2000; Harvey, 2006; Seabra, 2001; Damiani, 2009) conjuntamente com a problematização filosófica espacial que os cerca (Alfredo 2010; 2011; 2013), constituindo um corpo teórico para pensarmos no atual crescimento do movimento religioso denominado *neopentecostalismo*.

A pesquisa em sua proposta basilar buscou traçar uma aproximação entre o crescimento das Igrejas Neopentecostais e a crise do valor no capitalismo problematizada por Kurz (1993), que se deu pelo processo de desenvolvimento das forças produtivas denominado como “Terceira Revolução Industrial microeletrônica”, o qual implica em um capital que se desassocia de sua base substancial e o valor, que por sua vez é redirecionado para outras formas de circulação para completar seu fim em si mesmo, implicando na expansão do setor de serviços e de acesso ao crédito (Alfredo, 2010). Tal momento implicaria numa intensificação dos problemas sociais oriundos do capital, promovido pela crise do valor, o que por sua vez foi *percebido* pela religião Neopentecostal que disso aproveitou-se para então se colocar como remediador sagrado do dinheiro. Todavia, o que constitui a doutrina do neopentecostalismo, o pensamento religioso na modernidade e os motivos da crise do valor serão explicados mais detalhadamente ao longo da pesquisa.

É indispensável enfatizar que a pesquisa também considera o pensamento do “jovem” Marx “a crítica da religião está, no essencial, terminada; e a crítica a religião é o pressuposto de toda crítica” (MARX, 2006, p. 145), e portanto, não haverá em essência, críticas ao modelo religioso estudado - dogmas, doutrinas, ritos e crenças - mas sim ao sistema social produtor de mercadoria e de suas contradições (é importante destacar que o “velho” Marx n’O Capital se dá conta de que a religiosidade da filosofia de Hegel tinha um fundamento real e que era necessário à reprodução social), no qual está inserido o movimento de expansão da religião neopentecostal no distrito do Rio Pequeno.

PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS DO SISTEMA SOCIAL PRODUTOR DE MERCADORIA - CAPITALISMO

Acompanhando os pressupostos categorias levantados por Marx (2013) para definir o sistema produtor de mercadorias, de forma modesta, pretendo expor algumas noções básicas, pois será o universo conceitual fundante de toda base teórica da atual pesquisa e que embasa toda constelação lógica para entendermos de modo crítico a modernidade e as dinâmicas sociais contemporâneas.

As categorias existentes no capitalismo vão se dar a partir da crítica social de Marx (2013) de modo contraditórias, ou seja, elas se sustentam logicamente através de uma interação dialética. Para Marx não há categorias ontológicas, positivas ou naturalizadas do capital. As categorias só se sustentam se vinculadas à um universo conceitual, no qual, necessariamente estão relacionadas umas com as outras, sendo que as relações entre as categorias estabelecem modos que, por sua vez, constituem o próprio conteúdo do conceito.

Primeiramente, é preciso melhor definir a constituição conceitual da mercadoria, elaborada por Marx (2013), no qual por sua vez, detém dois fatores intrínsecos em sua constituição: valor de troca e valor. O valor é o negativo central na sociedade produtora de mercadorias. Assim sendo, a mercadoria satisfaria as necessidades humanas de qualquer espécie, não importando a origem da necessidade fisiológica ou imaginária. A gênese da mercadoria está no trabalho, porém em sua forma especificamente histórica da modernidade (que se encontra além dos estados fundamentais ontológicos), sendo basicamente a exploração econômica da força de trabalho humana e das matérias primas no qual o indivíduo não detém o produto final de seu trabalho, tornando tal trabalho alienante e sem conteúdo específico, tornando-se portanto abstrato, e por isso valorizando-se.

Assim, todo produto fruto do trabalho abstrato se torna mercadoria. Ele detém valor e transforma-se em uma coisa fisicamente metafísica (sendo esta a forma misteriosa da mercadoria), produzindo assim a ilusão de que é a característica física dos próprios produtos no qual esconde o caráter social do trabalho que produz a mercadoria (tempo social de trabalho), e naturaliza a força de trabalho abstrata, transformando as relações sociais (fruto do trabalho abstrato) em um dado natural - e não social - nas relações humanas modernas. Vemos aqui a forma social - metafísica como momento da materialidade de Marx.

O obscurecimento do processo social por detrás da mercadoria é entendida como *fetichismo da mercadoria*. Em seu âmago está o próprio movimento dialético da mercadoria, cabendo aqui elucidar que para Marx (2004) há a necessidade de se reconhecer a consciência religiosa como indispensável ao mundo do dinheiro e do capital no qual o neopentecostalismo se insere. Para melhor elucidação acerca dessa explicação ressalto a passagem do próprio Marx:

A primera vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas. Como valor de uso, não há nada de misterioso nela, quer eu a observe do ponto de vista que satisfaz as necessidades humanas pelas suas propriedades, ou que ela somente recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem por meio de sua atividade modifica as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. A forma da madeira, por exemplo, é modificada quando dela se faz uma mesa. Não obstante, a mesa continua sendo madeira, uma coisa ordinária física. Mas logo que ela aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa fisicamente metafísica. Além de se pôr com os pés no chão, ela se põe sobre a cabeça perante todas as outras mercadorias e desenvolve de sua cabeça de madeira cismas muito mais estranhas do que se ela começasse a dançar por sua própria iniciativa. (MARX, 2013, p. 197)

Outro desdobramento do valor é a sua forma-equivalente geral, a forma-dinheiro, que por sua vez só surge a partir do confronto entre pelo menos duas mercadorias. Porém, para compreendermos a gênese da forma-dinheiro é de suma importância destacar a seguinte passagem de Marx que diz que:

A dificuldade no conceito da forma dinheiro se limita à compreensão da forma equivalente geral, portanto, da forma valor geral como tal, da forma III. A forma III se resolve retroativamente, na forma II, a forma valor desdobrada e seu elemento constitutivo é a forma I. 20 varas de linho = 1 casaco, ou x mercadoria A = y mercadoria B. A forma mercadoria simples é, por isso, o germe da forma dinheiro. (MARX, 2013, p. 197)

A forma-dinheiro é o que vai dar efetividade à existência social dentro do sistema capitalista e em sua forma de existência no plano do real, a forma-dinheiro está necessariamente remediada pelo fetichismo da mercadoria, ou seja, se apresenta como uma forma externa, mas efetiva, porque põe a relação sujeito \square objeto como consciência religiosa necessária do capital, que universaliza o fetiche da mercadoria promovendo simultaneamente a fetichização da sociabilidade que naturaliza o valor. Tal forma-dinheiro tem como função a mediação do valor entre as mercadorias, e quando faz a passagem para a manifestação material ocorre, necessariamente e como condição de existência, sua naturalização como mediador das relações sociais, ou seja: se é efetivado materialmente é fetichizado. Ocorrendo a naturalização do dinheiro (que é almejado pelos indivíduos através do fetiche da riqueza, que é contraditoriamente fundada na pobreza e portanto uma miragem da riqueza) sendo então uma forma de pensar religiosa em todas as formas de consciência dentro do modo de ser capitalista, suscita esse fetichismo como forma de consciência: o próprio pensamento religioso, no qual o neopentecostalismo participa. A forma mercadoria se constitui então como uma forma universal fruto do produto do trabalho abstrato.

Para entendermos a gênese social do dinheiro, é visto observar as formações do Estados Nacionais modernos. Todos estão ligados ao dinheiro - ouro e valor do tempo de trabalho acumulado. O ouro está na gênese do capitalismo, pois transforma o objeto em ilusão metalista e não há químico no mundo que descubra o peso material do valor contido no ouro (até mesmo com as “maravilhas” tecnológicas da física-quântica). Sendo assim, o valor é metafísico.

A forma-dinheiro, portanto, se expressa exteriormente como autônoma, naturalizando o valor, mas ao observar a sua lógica de constituição existencial dialética, o dinheiro depende do valor de troca para existir em essência, e portanto apresenta fim em si mesmo: é tautológico. Seria impossível levantar os pressupostos categoriais de Marx sem trazer ao presente trabalho a queda tendencial da taxa de lucro, a contradição que dita toda a produção econômica capitalista. A lógica da queda tendencial da taxa de lucro a diminuir é uma expressão característica intrínseca ao modo de produção capitalista para o desenvolvimento contínuo da força produtiva social de trabalho. Com isso não está afirmado que a taxa de lucro não possa cair gradualmente por outras razões, mas está contido na essência do modo de produção capitalista como uma necessidade óbvia que, em seu progresso, a taxa média geral de mais valia tem de expressar-se numa taxa geral de lucro em queda. Como a massa de trabalho vivo empregado diminui sempre em relação à massa de trabalho objetivado, posta por ele em movimento, isto é, o meio de produção consumido produtivamente, assim também a parte desse trabalho vivo que não é paga e que se objetiva em mais valia tem de estar em uma proporção sempre decrescente em relação ao volume de valor do capital global empregado.

Para melhor entendermos o movimento da queda tendencial da taxa de lucro é necessário mencionar o processo da *mais-valia* (Marx, 2013), que é uma relação social. Esta é a diferença entre o tempo social gasto para a reprodução da força de trabalho abstrata sendo reduzido dela o valor total que é gerado para a produção de

determinada mercadoria constituindo de forma aparente que o salário supre todo valor gerado pela trabalhador.

Essa relação de massa de mais valia com o valor do capital global empregado constitui, porém, a taxa de lucro - que precisa, em função dessa configuração, cair continuamente (Marx, 2013). O conteúdo do valor assume a forma do preço e o dinheiro se apresenta como promessa de pagamento. O valor é ficcional. Existem modos diferentes de trabalho humano, todos com a mesma lógica social de troca de força de trabalho por dinheiro - alienante e abstrata. A autonomia do dinheiro é ilusória - o dinheiro é fruto da mercadoria produzida pelo trabalho, sendo o preço desta dada mercadoria o signo do valor.

Depois desta breve e modesta explanação das categorias dialéticas da forma mercadoria de Marx, é interessante pensarmos na constituição dialética da forma de ser moderna no qual entendemos que o ser detém a consciência e o pensamento como uma de suas determinações como ser social.

Assim, tornar a existência efetiva requer um pensamento que o determine sem a qual não seria possível existir, o impensado é portanto o inexistente. É impossível efetivar o real sem que isto seja já uma relação com a subjetividade (Alfredo, 2011), determinando toda forma de ser e de existência necessariamente como uma relação sujeito ↔ objeto no qual evidencia a essencialidade do existente, que contém em si a contradição entre aparência e essência. A existência está no movimento entre sujeito ↔ objeto que promove a sua efetivação, e o universo imediato das relações de produção capitalistas constituído pela forma social-metafísica é o momento da materialidade dialética de Marx. A partir daí surge a necessidade de pensar na reprodução social capitalista através da noção do modo de produção capitalista - que concerne a determinada medida, já que para ser modo de produção é imprescritível haver uma medida, sendo tal medida sustentada pela contradição entre qualidade e quantidade. Podemos então ponderar que mudar as relações de produção implicaria na mudança da forma de consciência do indivíduo.

Acompanhando o movimento dialético do ser e pautando-os conjuntamente pelos pressupostos categoriais de Marx (2013) e considerando que a forma de sujeito possui um momento histórico pré-determinado, pode-se dizer que a consciência na modernidade é determinada, condição *sine qua non*, pelo modo de produção capitalista. A religião Neopentecostal expressaria toda a forma de consciência necessária à produção capitalista que, agora sob a forma da Terceira Revolução Industrial microeletrônica, se torna mais uma característica fundamental do capitalismo fictício que será tratado mais a frente.

O MOVIMENTO RELIGIOSO DENOMINADO NEOPENTECOSTALISMO

Entendendo sua origem: O Pentecostalismo

Primeiramente, para a nossa situação histórica e institucional, cabe ressaltar brevemente algumas informações a respeito da história e dogma do movimento religioso Pentecostal: a origem e a base teológica para o neopentecostalismo (Mariano, 1999).

Desde os primórdios da Reforma Religiosa surgiram, em várias regiões da Europa, comunidades religiosas nas quais os fiéis procuram o contato direto com o Espírito Santo (veremos que esta é a principal distinção do pentecostalismo em relação às outras religiões cristãs), se opondo às ordens eclesiásticas da Igreja Católica Apostólica Romana. A primeira aparição de tal movimento religioso foi o *anabatismo*, fundada pelo teólogo Thomas Müntzer no século XVI, na Alemanha e Suíça e posteriormente o grupo religioso *Society of Friends*, fundado pelo dissidente inglês George Fox, na Inglaterra do século XVII. Mas este movimento adquiriu grande força principalmente nos Estados Unidos da América (EUA), onde o movimento passou a ser chamado pelo famoso termo *quakers* (Souza, 1969).

Diante desta configuração, o pentecostalismo propriamente dito sua teve origem nos Estados Unidos no começo do século XX, sendo herdeiro e descendente do metodismo e do movimento *holiness*, se diferenciando do protestantismo tradicional (Calvinismo, Luteranismo, Anglicanismo, Presbiterianismo, Congregacional, Metodista e Batista), por estar baseado na possibilidade contemporânea da manifestação dos dons do Espírito Santo, ligados principalmente aos “fenômenos” de línguas (glossolalia), cura divina e discernimento de espíritos (Mariano, 1999). O dogma pentecostal afirma que Deus, por intermédio do Espírito

Santo e em nome de Jesus Cristo, continua a agir da mesma forma que no cristianismo místico primitivo: curando enfermos, expulsando espíritos ruins, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, demonstrando infinitas provas “concretas” de Seu supremo poder e inigualável bondade (Mariano, 1999).

A Doutrina Pentecostal tem raiz cristã, das quais algumas crenças foram realçadas do Protestantismo Tradicional: inspiração nas escrituras bíblicas, crença na trindade, na salvação através da graça concedida, nas práticas litúrgicas da santa ceia, no sacramento do batismo (apesar do batismo diferir do batismo católico), na realização de campanhas religiosas denominadas “reavivamento”, na ocorrência de “revelações” e “profecias”, nas mensagens bíblicas segundo a interpretação literal (fundamentalista) e na presença marcante da iconoclastia religiosa em relação aos outros dogmas (principalmente o católico e as religiões de origem africana). O princípio teológico pentecostal também está ligado ao Protestantismo Tradicional, sobretudo ao Metodista (Souza, 1969).

Outro aspecto a ser ressaltado é o fato de o catolicismo popular e o pentecostalismo possuírem o mesmo tronco religioso cristão e assim compartilham crenças em experiências místicas, possessões, milagres, espíritos do mal, feitiçarias e demônios - o que facilitou a adesão de novos fiéis para o pentecostalismo.

História e Dogma do Neopentecostalismo

Após esta breve exposição do dogma e da história a respeito da formação do movimento pentecostal, insta aproximarmo-nos do movimento religioso presente na atual pesquisa: o neopentecostalismo. Podendo ser considerada como terceira onda do pentecostalismo, o neopentecostalismo tem origem na segunda metade dos anos 70 e se expande fortemente no decorrer das décadas de 80, 90 e na primeira

década do século XXI (Mariano, 1999). A terceira onda demarca o corte histórico institucional da formação de uma corrente pentecostal que será aqui designada como Neopentecostal¹. O prefixo “neo” remete a sua formação institucional recente, contendo em seu corpo teológico características “inovadoras” em relação ao pentecostalismo. Tendo como exemplo as Igrejas Universal do Reino de Deus (maior entre as neopentecostais), Cristo Vive, Nova Vida, Internacional da Graça de Deus, etc (Mariano, 1999).

Assim, como instituição religiosa, o neopentecostalismo passa a se integrar nas dinâmicas sociais e apresenta importante função terapêutica baseada na cura divina e crença na prosperidade material - sendo que apenas a última apresenta maior destaque na discussão teórica da pesquisa. Contém também doses maciças de misticismo (remetendo sobretudo ao Cristianismo Primitivo), incluindo o uso de objetos como mediação do sagrado. Nos cultos, é observada a liberdade às expressões emotivas, promovendo estágios de grande catarse individual e coletiva. Há na Igreja Neopentecostal a afirmação de que seus membros são autóctones, de que possuem líderes (os pastores) que transpassam confiança e que possuem pouca inclinação à tolerância ao ecumenismo, geralmente se opondo de maneira rígida aos cultos afro-brasileiros (desencadeando problemas como a intolerância religiosa), se utilizando intensamente dos meios de comunicação modernos (rádio, televisão e internet), com estruturas empresariais de peso, além de adotarem técnicas de marketing e retirarem dinheiros dos fiéis ao colocar no mercado religioso os serviços e bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento (Mariano, 1999).

Para melhor trabalharmos com o aspecto econômico que têm destaque na presente pesquisa, é importante ressaltar que o neopentecostalismo promove o rompimento com a ideia da busca da salvação pelo ascetismo de rejeição dos prazeres do mundo, como é pregado na Igreja Católica e no protestantismo

¹termo praticamente consagrados pelos pesquisadores brasileiros para classificar as novas igrejas pentecostais.

Tradicional. Com essa doutrina contrariam diretamente também a antiga proposição pentecostal de que a existência terrena do “verdadeiro cristão” seria dominada pela pobreza material e pelo sofrimento da carne (Mariano, 1999). Em tal característica, que se aproxima em partes à uma inversão com o tradicionalismo cristão de rejeição pela busca por riqueza e o livre gozo das mercadorias que satisfaz as necessidades humanas de qualquer espécie (Marx, 2009), atrela-se sobretudo à consentida afirmação deste “mundo”. Nessa peculiar mudança teológica surge a Teologia da Prosperidade, doutrina que defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo e, com isso, em vez de se conformar com o mundo para atingir a salvação espiritual, os neopentecostais passaram a afirmá-lo.

A ruptura com o ascetismo puritano constitui a principal distinção do neopentecostalismo, e isso representa uma mudança muito grande nos ramos do Movimento Pentecostal, a ponto de se poder dizer que o neopentecostalismo constitui a primeira vertente de afirmação do mundo, sendo esse ponto que gostaria de frisar, pois depara-se com a forma de aceitação de mundo que está pautada pela Terceira Revolução Industrial, no qual a crise, como ilógica capitalista, promoveria maior aceitação do neopentecostalismo como religião propicia à *sacralização da crise*.

No caso do neopentecostalismo, são suas consideráveis distinções de caráter social, doutrinário e comportamental, suas arrojadas formas de inserção e rápida distribuição no espaço e seu ethos de afirmação do mundo, que necessariamente naturaliza todas as formas de ser capitalistas. Não digo aqui que as demais religiões não naturalizam as categorias do sistema social capitalista, porém há uma crença que legitime a afirmação do mundo com consentimento divino, próprio da forma fictícia do capital.

É observado que as Igrejas Neopentecostais estão se acomodando rapidamente na religiosidade popular. O neopentecostalismo não só tende a exercer como já vem exercendo influência no pentecostalismo clássico (Mariano, 1999). E

ainda, para não nos manter demasiadamente rígidos acerca da definição conceitual do neopentecostalismo, registro essa passagem:

Quando dividimos o pentecostalismo em três vertentes, demarcam suas genealogias, seus vínculos institucionais, delineamos suas principais características, confrontamos suas diferenças e semelhanças, estabelecemos suas distinções, quando enfim as classificamos, não estamos com isso supondo que tal construção tipológica dê conta totalmente desse universo religioso tão complexo, dinâmico e diversificado. Sua função é bem mais modesta: visa ordenar a realidade observada, tornando-a inteligível e passível de análise, quanto a isso, sempre lembrar que tanto os tipos ideais como todo e qualquer aparato conceitual não correspondem a retratos literárias ou fidedignos da realidade, nem a traduzem plenamente. Longe disso. São instrumentos toscos e generalizantes pelos quais procuramos pensá-la, ordená-la e compreendê-la. (MARIANO, 1999, p. 47)

É nisto então que se baseia a aproximação teórica que sustenta a definição do neopentecostalismo. Ela apresenta, para interesse da pesquisa, a doutrina da Teologia da Prosperidade. Para que tal dogma fosse constituído era necessário substituir a concepções teológicas que dizem que os verdadeiros cristãos seriam, senão materialmente pobres, ao menos desinteressados de coisas e valores terrenos. O neopentecostalismo poderia dar conta dessa nova demanda com o surgimento da Teologia da Prosperidade, reinterpretando ensinos e mandamentos do evangelho, adequou-se perfeitamente para a demanda imediatista de resolução ritualística de problemas financeiros e de satisfação de desejos de consumo dos fiéis. Com promessas de que o mundo seria local de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos herdeiros das promessas divinas, a Teologia da Prosperidade veio coroar e impulsionar a incipiente tendência de acomodação ao mundo de várias Igrejas Neopentecostais aos valores e interesse do “mundo”, isto é, à sociedade produtora de mercadorias (Marx, 2013).

A Teologia da Prosperidade não fomenta o pensamento crítico de como será adquirida tal prosperidade material, muito menos estimula o reconhecimento das desigualdade sociais oriundas do sistema social capitalista. Essa religião se mostra em franco processo de acomodação e afirmação do mundo, abraçando seus valores e interesses, possibilitando começar a pensar sobre o fenômeno de crescimento do movimento religioso Neopentecostal e sua relação com o processo crítico do capital após a Terceira Revolução Industrial.

Expansão e perfil socioeconômico do Neopentecostalismo

Acompanhando a tarefa do levantamento de informações que confluem na expansão do neopentecostalismo e reconhecendo o perfil social majoritário que o compõe, destacarei certas informações. Primeiramente, é importante reconhecer que de fato o crescimento do Pentecostalismo constitui um fenômeno de amplitude mundial (Mariano,1999), posto que este ramo do cristianismo, constituído no início do século XX na América do Norte, vem crescendo aceleradamente, tratando-se de um processo de mundialização (globalização). Mas o crescimento mais expressivo ocorre na América do Sul e principalmente o Brasil, que em números absolutos representa o maior país Pentecostal do continente Sul Americano, abrangendo pouco menos da metade dos cerca de 50 milhões de evangélicos estimados atualmente no continente (Mariano,1999).

O Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1991 demonstrou o acentuado crescimento pentecostal de 111,7%. O número de evangélicos no Brasil cresceu cerca de 61,5 por cento em dez anos, com 16 milhões de novos fiéis com base no Censo 2010 do IBGE.

O crescimento pentecostal ocorre, porém, de maneira muito desigual entre as diferentes classes sociais concentrando-se majoritariamente nos estratos mais pobres da população. A expansão do pentecostalismo, movimento religioso que, como elucidado, é o de maior em termos de crescimento no Brasil (representando entre 20 e 25% dos brasileiros), constitui entre um quinto e um quarto da população segundo as estimativas dos Institutos Ibope e Datafolha efetuadas durante a eleição presidencial de 2010. (Mariano,1999).

A pesquisa Novo Nascimento, realizada pelo ISER no Grande Rio em meados dos anos 90 levantaram alguns dados a respeito das características relativas ao poder aquisitivo e à escolaridade desta população. 61% dos pentecostais recebia até dois salários mínimos, 29% recebiam entre dois e cinco salários mínimos e 10% ganharam mais de cinco salários mínimos; 42% tinham menos de quatro anos de escolaridade, 35% entre cinco e oitos anos e 23 % nove anos ou mais de formação escolar. (Mariano,1999). Mas, ressaltando que a pesquisa sobre a pobreza jamais deve-se resumir num levantamento estatístico (Santos, 2015), cabe ressaltar que o fenômeno da pobreza estaria portanto atrelado às produções de riqueza necessariamente dentro da esfera social, o qual funda-se dentro de um pressuposto relacional dialético categorial. Sendo assim, nos deparamos aqui com as contradições valor (riqueza) - desvalor (pobreza). A pobreza seria portanto o social promovido pelo desvalor ou pela crise da forma-valor equivalente em sua fase final, a forma-dinheiro (Marx, 2013). A pobreza portanto aparece como fenômeno intrínseco às práticas capitalistas e, assim, a religião Neopentecostal aparece como remediador sagrado da riqueza, como se nada tivesse a ver com a constelação lógica por detrás do fenômeno social da pobreza.

Na condição crítica de reprodução do valor (localizado nas áreas pobres), a forma de ser das Igrejas Neopentecostais demonstram intenso crescimento nas áreas pobres da metrópole, pois se propõe a superar a condição de pobreza através de seus ritos e crenças, ou seja, através da doutrina da Teologia da Prosperidade.

Como todas as formas de ser capitalistas, as Igrejas Neopentecostais naturalizam as produções de mercadoria e objetivam a reprodução do substrato metafísico da mercadoria (detentora das polaridades dialéticas de valor e desvalor). No entanto, o porquê de sua presença ser mais acentuada nas formações urbanas mais pobres é um dos o questionamentos críticos da presente pesquisa. Podemos então dizer que todas as formas de ser capitalistas objetivam a reprodução das trocas de mercadorias com a única e exclusivamente reprodução do capital. Essa naturalização das relações sociais produtoras de mercadoria que só é possível por meio do equivalente geral (que é o dinheiro) efetiva em sua condição de existência contraditória, e portanto dialética, a sua face negativa: a pobreza.

Crescimento Neopentecostal no bairro do Rio Pequeno (Zona Oeste de São Paulo)

Para embasamento da pesquisa, foi imprescindível o levantamento de informações pautadas na realidade social, o que na ocasião consistiu em uma visita de campo no distrito do Rio Pequeno, subprefeitura do Butantã, zona oeste do município de São Paulo. O distrito faz divisa com os distritos do Jaguaré, Raposo Tavares e Vila Sônia, além da região da Cidade Universitária e do município de Osasco.

O ordenamento social do bairro tem sua origem na territorialização da Igreja Católica Apostólica Romana - como ressaltado anteriormente - e é no bairro, nessa esfera de reprodução social, que se confrontam as concepções religiosas e laicas do mundo, e é na história da urbanização que também estão localizadas as vilas operárias e os bairros industriais como forma estritamente moderna de ocupar o espaço que constituem no processo dinâmico e dialético da forma estética da cidade (Seabra, 2001). Pensar no processo e no seu conjunto auxilia na compreensão da

urbanização que vai se configurando na reprodução da cidade, que engloba os bairros, metamorfoseia a vida de bairro e que recria as formas (no caso do bairro operário) introduzindo o sagrado em um processo que é essencialmente de programar o tempo funcionalizando-o nas necessidades do trabalho, no limite máximo, em favor do fetiche industrial (Seabra, 2001). E isto era possível porque a religião, já operada como atributo da cultura, era vivida como necessidade - e é nesse sentido que a Igreja foi um componente também dos bairros industriais como é o caso da formação do Rio Pequeno enquanto bairro.

É válido ressaltar algumas informações a nível técnico como o processo de reconhecimento político do bairro, quando assim se formalizou como distrito do município de São Paulo. Parte do distrito do Rio Pequeno fazia parte de uma das grandes fazendas do conde Luís Eduardo Matarazzo, e nas imediações dessas fazendas surgiram bairros como o Jardim Rio Pequeno. Na década de 1960, houve sensível migração motivada pelas oportunidades de venda da força de trabalho nas olarias e pedreiras da região, voltadas para os bairros do Jaguaré e cercanias, assim como trabalhadores da construção civil oriundos principalmente das obras da Cidade Universitária nas décadas de 1960 e 1970 - aqui destaco a formação tipicamente industrial. No entanto, o distrito como é hoje demarcado se formou das grandes ramificações do bairro do Butantã, e a separação aconteceu nos anos 1980 (Ponciano, 2004). É possível averiguar neste distrito avenidas de intenso fluxo comercial e rotas de passagem, como a avenida Rio Pequeno, avenida Corifeu de Azevedo Marques, avenida Engenheiro Heitor Antônio Eiras Garcia, avenida Nossa Senhora de Assunção e avenida Otacílio Tomanik, além de ser um dos bairros que se agregou a Rodovia Raposo Tavares.

Hoje, com pouco mais de 100.000 (cem mil) habitantes segundo o último censo de 2010, a região conta com jornais próprios, quatro postos de saúde, um hospital (maternidade) e diversas escolas municipais, estaduais e particulares, além de um CEU municipal que dão suporte à população local de classe média e média baixa (Ponciano, 2004). A presença de favelas também é constante no bairro, em

especial as comunidades do Camarazal, Sapé, São Remo, 1.010 (Mil e Dez), Jardim Ester, Jardim Esmeralda e Jardim Maria Luísa. Ressalto aqui a ocorrência incisiva da favelização explicitando o fenômeno da pobreza urbana (Santos, 2015).

Agora, em relação ao plano teórico da pesquisa que visou investigar a ocorrência do movimento religioso neopentecostal no distrito, foi possível constatar certa diversidade religiosa, na qual foi contabilizado mais de 20 (vinte) instituições religiosas dos mais diferentes troncos doutrinários (católico, umbanda, espírita, misticismo oriental, protestante tradicional, pentecostalismo e sobretudo o neopentecostalismo).

Como já ressaltado anteriormente, definir rigidamente a instituição religiosa neopentecostal é um processo problemático devido à complexidade doutrinária que a compõe, preferi então buscar instituições já conhecidas entre os autores (Mariano, 2011) por serem integrantes da terceira onda do pentecostalismo (neopentecostalismo), e através dessa óptica analítica registrei a presença dos seguintes movimentos religiosos no distrito do Rio Pequeno: Igreja Universal do Reino de Deus (Avenida Benedito de Lima, nº 259), Renascer em Cristo (Rua Otávio Pedreiro Rosa, nº 113) e Igreja Internacional da Graça de Deus (Av. do Rio Pequeno, 341). É importante frisar que houve registro de outros movimentos religiosos aparentemente neopentecostais, porém não é pertinente afirmar sem a elaboração de estudos específicos ao tema, o que por sua vez, não foi o objetivo da pesquisa.

O levantamento quantitativo das instituições religiosas também acompanhou pequenas entrevistas, resumindo-se à perguntas direcionadas aos indivíduos (funcionários e fiéis) que estavam no local da instituição religiosa no momento do trabalho de campo, onde eu procurei saber precisamente duas informações: a quanto tempo a instituição tinha se instalado no bairro e se tal estabelecimento estaria relacionado com a atual crise financeira.

A partir das conversas (pequenas entrevistas) tomei conhecimento de que todas as instituições chegaram no distrito do Rio Pequeno aproximadamente ou depois da década de 1990, e que atualmente haviam passado por um momento de grande crescimento, mas nenhum dos indivíduos entrevistados arriscou opinar a respeito da crise financeira e o crescimento das Igrejas Neopentecostais, apesar de enfatizarem que as Instituições Neopentecostais eram benéficas à população residente do bairro.

O estudo de caso foi importante para trazer ao corpo teórico da análise algumas informações mais precisas acerca da realidade social onde tem ocorrência de movimentos neopentecostais conjuntamente com áreas de pobreza urbana, o que será problematizado no próximo item.

Geografia Crítica do crescimento Neopentecostal

Como anteriormente observado e constatado através do levantamento quantitativo em trabalho de campo, a religião Neopentecostal se manifesta no universo do real (materialismo dialético) da metrópole paulista sob a forma de instituições. Há portanto uma ligação dialética com a reprodução social capitalista, cabendo ao viés da geografia crítica aprofundar a discussão acerca da problemática de tal realização social. Para melhor explicação do modo pelo qual o movimento religioso se expande na materialidade (o universo imediato das relações de produção capitalistas) é necessário evidenciar que toda constituição da metrópole é oriundo de um processo dinâmico, estando diretamente relacionada com o capitalismo. É portanto de lógica dialética, sendo que na formação das metrópoles não há nenhuma categoria ontológica, nem sequer o “espaço geográfico” que a sustenta.

O neopentecostalismo teria surgido como consequência de problemas sócio estruturais próprios das zonas pobres da metrópole (Fajardo, 2011), mas tal hipótese não seria o suficiente para entendermos sua lógica de reprodução, e é preciso entendê-la criticamente no espaço. Para tal entendimento devemos pensar no crescimento metropolitano como resultante do processo dialético de sua própria formação (pois reproduzem as categorias negativas do capitalismo), no qual as áreas sensivelmente pobres são parte de um processo lógico de constituição da própria metrópole onde a propriedade privada e o direito legal jurídico manifestam *simultaneamente* sua face negativa, a não-propriedade e a ilegalidade (Alfredo, 2011), e uma aparente externalidade, mas que está essencialmente dentro da lógica de reprodução que a opera. Para situar o tema, a pesquisa procurou localizar o curso da Terceira Revolução Industrial como algo que mobilizou maior agregação de fiéis para o neopentecostalismo na zona de expansão negativa do capital.

Antes de dar prosseguimento é importante nos atentar ao conceito de *simultaneidade* para melhor entendermos a teoria espacial crítica (Alfredo, 2013) no qual será um modelo teórico para pensar a reprodução social das Igrejas Neopentecostais e assim podermos nos aproximar do tema da pesquisa. Primeiro é preciso elucidar que *simultaneidade* implica uma noção temporal da reprodução dialética do capitalismo, abrangendo uma referência teórica que torna possível se pensar o espaço, simultaneidade, assim como o limite da reprodução. Para um primeiro entendimento ressalto esta esclarecedora passagem:

Metafísicas (valor e dinheiro) aparecem como elementos fetichistas (obscurecimento do caráter social), porque naturalizadas como condição humana, considere-se que a necessidade da simultaneidade para a formação crítica categorial do capital se faz em uma forma negativa (portanto o espaço natural, que se encontra a priori, não seria suficiente ou compatível com a análise crítica) de ser do tempo, enquanto esta mera sucessão. A condição espacial do capital - se a considerarmos como categoria - é uma relação de

supressão temporal cuja determinação é o próprio espaço enquanto esta abstração. Deste modo, se o tempo remanesce de alguma maneira, no plano analítico e da consciência da subjetividade posta na modernização, isto se faz como ilusão de razão, ou seja, como aquilo que permite, compreender como racional algo cuja - irrazão é a sua razão de ser, ou sua razão suficiente, para utilizarmos uma expressão propriamente hegeliana. (ALFREDO, 2013, p. 57)

Antes de retomar o debate precisamos compreender que o espaço surge como abstração necessária fruto da consciência capitalista, e não como um espaço natural que está *a priori* da reprodução social. O espaço atua então como a própria forma mercadoria, portanto simultâneo a reprodução social onde o espaço, enquanto simultaneidade, passa a se constituir como pensamento abstrato próprio desta sociedade. Sendo assim, o espaço-tempo é espaço-tempo social de produção, não um tempo-espacó social de produção em que somente as dimensões concretas realizam seu conceito. Nos colocaremos em posição de compreender que sua abstração é exclusivo do mundo moderno. Acerca desta abstração, que é o espaço, também temos de considerar a necessidade de superar seus limites de “concretudes”:

Numa análise sobre o espaço cuja concretude se dá na abstração de si na forma de uma linguagem. A simultaneidade, como fundamento da sociedade, deve eleger na regularidade sintática da expressão do mundo da mercadoria enquanto espaço a ilusão de concreticidade que o espaço enquanto abstração deve ser. (ALFREDO, 2013, p. 59)

Deste ponto se percebe que o espaço, enquanto algo concreto, é determinante das formas de reprodução social uma vez que o deve ser como forma de ilusão de concreticidade, pois tem, na qualidade física efetiva, contraditoriamente,

a ilusão de sucessão necessária à realização formal entre forma relativa e equivalente que carece ter para efetivar sua irracionalidade (Alfredo, 2011).

Temos então a simultaneidade, como forma de pensar criticamente a reprodução do espaço enquanto abstração necessária ao capitalismo. Consequentemente a expansão da zona de pobreza nas metrópoles ocorre de forma simultânea à sua reprodução e não deve ser analisada como exterior à sua formação. O problema está posto como essencialmente ligado ao *modus operandis* do capitalismo. Não existem, por esta perspectiva, indivíduos excluídos do capitalismo, pois a própria condição de pobreza, de não-proprietários, de irregularidade legal (ilegalidade) é a própria face negativa das categorias fundantes do sistema social produtor de mercadorias. As zonas sensivelmente pobres da metrópole foi forma particular e não meramente distinta do *modus operandi* do capital em sua expressão universal. Aqui é traçado o eixo relacional com a forma atual da religião que o neopentecostalismo expressa referente à crise do valor, pois sua incidência expressiva está justamente localizada na realidade social que é sustentado pela expressão universal do capital enquanto face negativa.

Num contexto de pluralismo religioso se veem mais ou menos competidos à disputa de mercado, dialeticamente relacionado com a reprodução espacial e o crescimento diante a ilógica mercadológica, acirrando assim a competição, estimulando e reforçando seu ativismo e a eficiência na conversão de seus divergentes e leigos, diversificando e ampliando o volume da oferta de bens e serviços religiosos e ajustando-se à diferentes públicos e clientes, e assim criando novos nichos de mercado (Mariano, 1999). O foco analítico centrado na simultaneidade da extensão da metrópole procurou compreender o efeito do contexto da dinâmica da economia de mercadorias e a reprodução espacial das Igrejas Neopentecostais.

As ações estratégicas das Igrejas Neopentecostais - que dialeticamente incidem na simultaneidade espacial - acompanham a tendência à funcionalidade da

concentração de poder eclesiástico e de governos eclesiásticos verticais para centralização dos recursos financeiros voltados para a realização de grandes investimentos em construção de templos, em meios de comunicação de massa, no envio de missionários e na abertura de novos campos de missão, no sustento do amplo número de pastores trabalhando em tempo integral, à organização empresarial da gestão e organização institucional, à forma rápida e de larga escala de formar pastores, à opção estratégica pelos veículos de informação virtual (sobretudo o evangelho), à hipertrofia da oferta sistemática e organizada de serviços mágicos (curas, exorcismo, libertações espirituais, ritos e promessas de prosperidade material e financeira); tudo com a finalidade de ampliar a demanda por seus bens e serviços religioso (Mariano, 1999).

O pentecostalismo - como ressaltado anteriormente - é o grupo religioso que mais cresceu no país nas últimas décadas e a observação do perfil social dos pentecostais brasileiro tem demonstrado que grande parte de seu contingente está alocado nas faixas de pobreza das grande metrópoles: nas áreas da expansão negativa do capital, quando comparadas às áreas ricas da metrópole - sua face positiva (Fajardo, 2011). O pensamento geográfico que procura entender o crescimento urbano brasileiro detém importância fundamental para a compreensão da presença neopentecostal nas zonas mais pobres da metrópole ao fomentar e discutir conceitos bastante úteis na análise de tal fenômeno.

Milton Santos (2005) classifica a urbanização brasileira como um processo que teve um tímido início em meados do século XVII, e que apenas se consolida na segunda metade do século XX com o processo de metropolização, ou seja, como o surgimento de aglomerados urbanos que ultrapassam a cifra de um milhão de pessoas. Esse processo acaba por originar uma situação de macrocefalia urbana (Santos, 2005). Tais resultados originam-se da necessidade dos países pobres em cumprir os interesses das economias centrais. Para suprimento das necessidades básicas de existência, o indivíduo vende sua força de trabalho como pode e acaba se fixando nos espaços urbanos de menor infraestrutura e custos imobiliários mais

baixos. Dessa forma, pode-se considerar as zonas pobres como resultante do processo de construção do espaço urbano, processo esse moldado de acordo com os interesses do capital que produzem as diferenças socioeconômicas tão evidentes nessas regiões periféricas (Santos, 2005).

Para David Harvey (2006) a cidade é organizada de acordo com os interesses do capital financeiro. Neste, o empreendedorismo capitalista influencia o crescimento desigual das grandes metrópoles gerando uma prejudicial concentração de renda nas mãos das classes mais abastadas - tudo a partir duma constituição dialética do espaço, sendo portanto determinada pela ficcionalização do valor. Caldeira (2000) nos ajuda a pensar que o conceito de periferia não resulta em um mero posicionamento no mapa, ou seja, não é um mero posicionamento no centro físico da cidade e as periferias ao seu redor. A periferia pode estar no centro da cidade, bem como a riqueza pode estar próxima de suas fronteiras. Sendo assim, os indicadores de ordem social e econômica são os dados que melhor abarcariam o conceito de periferia, pois assim verificamos com mais precisão a incidência de áreas marcadas pela ocorrência da ilegalidade, não-propriedade e de pobreza.

O processo de urbanização crítica (Damiani, 2009) nos auxilia a identificar a crise do trabalho, imanente na crise da ficcionalização do valor, que é imprescindível para melhor abordarmos o processo de formação urbana. A crise do trabalho se manifesta externamente como desemprego em enormes quantidades, atrelado à um aumento da composição orgânica do capital dos empreendimentos econômicos que reduz na mesma proporção o trabalho vivo da referida composição; uma economia de “sobrevivência”, em novos moldes, pois, diante da crise do trabalho setores produtivos e de serviços (de baixa composição orgânica do capital) são mantidos e ferozmente ampliados. Segue uma passagem da autora que nos ajudará na compreensão da urbanização crítica:

O espaço como um todo move-se, economicamente, segundo as necessidades da economia urbana, voraz, inteiramente baseada na

urbanização como negócio. Sob esse fundamento, não há como identificar um sujeito, senão aquele imanente à própria economia desumanizadora. Não há um sujeito e seu habitat, como moradia degradada; há o habitat, negando o habitante, no interior de uma economia, que nega, contraditoriamente, o trabalho. . Dialeticamente, aparecem como necessidade de moradia e necessidade de trabalho. Dizer que o habitar se transforma em habitat, significa dizer que o habitante não é o sujeito, mas o negócio imobiliário o é, e todas as suas extensões econômico-políticas. Dizer que há negação do trabalho é dizer que existe uma economia que se move, contraditoriamente, por destituição do trabalho e tornando todo tempo humano um tempo de todo e qualquer trabalho. Ela sujeita e é o sujeito. No fundo, são alienações por destituição de apropriações sociais e individuais possíveis. (Damiani, 2009, p. 24)

Assim, temos a urbanização crítica que, por meio das categorias dialéticas do capital, demonstram que os movimentos econômicos da crise são inerentes à sua constituição enquanto modelo produtivo. Considerando, ao mesmo tempo, o que os dados do Censo confirmam através de informações a respeito da renda: a informação de que o neopentecostalismo está especialmente presente nas áreas pobres das formações metropolitanas (Fajardo, 2011). Desta forma, o morador da das áreas pobres encontra, nas instituições neopentecostais, um caminho para a atenuação das carências oriundas da vulnerabilidade social a qual está submetido. Sendo assim, entender o processo e formação das zonas de pobreza das metrópoles é fundamental na observação do fenômeno Neopentecostal brasileiro, haja vista sua expansão numérica ocorrida nas últimas décadas do século XX bem como na atualidade (primeira e segunda década do século XXI).

A ATUAL CRISE ECONÔMICA E A FICCIONALIZAÇÃO DO VALOR

Crise econômica e colapso financeiro

Antes de chegar aos fatores causais da crise e para melhor entendimento, evoco aqui a fórmula econômica de Marx (2013) a respeito do processo D-M-D'. A fórmula suscita perfeitamente a valorização do valor, ou seja, sua reprodução ampliada que, neste processo, tem se desencadeado como contradição imanente à produção do valor como finalidade a partir do trabalho abstrato explorado (tempo de trabalho) ainda que o movimento de desenvolvimento das forças produtivas o suprima, e isso é próprio de sua identidade contraditória.

Todo problema se constituiria na redução do tempo de trabalho para optimizar a produção de mercadorias, pois a lógica é trabalho para promover mais trabalho e ser trocado por um quantum de trabalho abstrato equivalente. Através desse contraditório movimento econômico temos, consequentemente, um capital fictício que negou seus pressupostos categoriais e surgiu como promessa de trabalho e desenvolvimento das forças produtivas. Todavia, a forma-dinheiro, para Marx (2013), é o responsável por expressar o valor (tempo de trabalho contido em determinada mercadoria) no instante de abstração metafísica do capital e passa ele mesmo, o dinheiro a aparentar-se como portador natural do valor como início e fim do processo de valorização - ainda que esse último não aconteça e o crédito surja como sua forma duplamente ficcionalizada.

A atual dispensa de trabalho vivo, como foi problematizada por Kurz (1993), se deu pela chamada Terceira Revolução Industrial microeletrônica no qual o capital se desassocia de sua base substancial, e o valor, por sua vez, se redireciona para outras formas de completar seu fim em si mesmo implicando na extensão de

serviços em detrimento do setor produtivo devido a necessidade de o capital rotar-se a si mesmo. Mas estamos aqui tratando de um capital monetário e creditício que não mais encontra a sua reprodução nos termos da exploração produtiva do trabalho (Alfredo, 2008). A crise da valorização do valor que se constitui como forma necessária de reprodução capitalista, quando se apresenta como forma social, compromete sua acumulação primitiva. Citando alguns exemplos temos o capitalismo financeiro surgindo sob diversas aparências como o mercado imobiliário, as dívidas públicas, os afrouxamentos do acesso ao crédito, os financiamentos, os endividamentos etc. Precisamente, uma vez que é de sua condição de existência se reificar em qualquer que seja o objeto, promove uma consciência fetichista que inverte por diversas vezes o que expressa com o expressado (Alfredo, 2008), como por exemplo o dinheiro aparece como se fosse o valor. Nos termos de uma economia que não consegue, a partir da mais valia, repor seus pressupostos de acumulação, o crédito aparece como ficção de mais-valia, como substituto da mesma - que não é produzida.

No presente momento histórico em que as categorias do capital - *trabalho abstrato, valor e mais-valia*, já não são suficientes para explicar o movimento da (des)valorização, a irracionalidade do sistema capitalista se reproduz por meio de uma consciência que se ficcionaliza a fim de permitir a própria reprodução social, mesmo sem efetivamente repor a valorização do valor, substância de sua relação categorial.

É importante frisar que as crises dentro do sistema capitalista não são essencialmente históricas (história como movimento categorial do capital), são realmente oriundas da própria lógica do capitalismo, e portanto constitui uma característica inerente à sua própria reprodução enquanto modelo econômico produtivo apesar de ocorrer em momentos temporais reconhecíveis (1929: “O Crack de 29”; 1971: “O fim do sistema padrão-ouro”; 1973: “O embargo do petróleo no conflito árabe-israelense”; 2001-2002: “A crise argentina”; e sobretudo, a de 2008-2009: “A crise imobiliária”). Estaríamos observando na contemporaneidade o

apogeu da crise do sistema produtor de mercadorias, pois os pressupostos categoriais do capitalismo não se sustentam em relação à passagem de Kurz (1993) em seu livro colapso da modernização:

Ao rasgar o último fio finíssimo que liga a cumulação real a superestrutura de crédito, terá que desabar também o complexo especulativo, porque ficará pesada demais a gigantesca cauda de cometa de juros que entremes se prendeu a reprodução global, esse peso forçando o mundo produtor de mercadorias a descer para seus próprios fundamentos reais. (KURZ, 1993, p. 218)

Consequentemente, o motivo da crise é o mesmo para todas as partes do sistema mundial produtor de mercadorias: a diminuição histórica da substância de trabalho abstrato em consequência da alta produtividade alcançada pela mediação da concorrência. No entanto, o sistema produtor de mercadorias está vinculado a sua finalidade inherentemente tautológica e dependente do crescimento interminável, em escala mundial, dessa substância de trabalho (Kurz, 1993). Tudo porque o preço da mercadoria é determinado pelo tempo social de trabalho, e vivenciamos um momento onde o tempo de trabalho, bem como sua substância final, é suprimido pelas inovações tecnológicas, existindo assim uma deficiência em reproduzir seus pressupostos, apontando por fim, o seu colapso, enquanto a atual forma crítica de reprodução do capital.

Aproximações teóricas entre o dogma neopentecostal e a naturalização do valor

Pretendo nesta passagem elaborar uma simples e instigante aproximação entre a Doutrina Neopentecostal da Teologia da Prosperidade e o processo social

de naturalização do valor (próprio do sistema social produtor de mercadorias), pois como estamos vendo existem confluentes teóricos a serem destacados neste processo dialético da ficcionalização do valor paralelamente com a afirmação e consequente busca pelo “mundo” presente na doutrina religiosa.

É muito pertinente ressaltar que a aproximação está longe de buscar uma teologia que fomente um *ethos* da naturalização do valor. A proposta está no nível da reflexão e na simples associação entre os fenômenos elucidados e elaborados pelos autores destacados na pesquisa para poder assim estimular projeções acerca da temática.

Sabemos que o neopentecostalismo apresenta a peculiar doutrina da Teologia da Prosperidade, onde o fiel é incubido de viver de modo próspero e bem sucedido financeiramente, e onde o sistema social produtor de mercadorias produz - através da contradição - uma forma-pensamento que naturaliza todas as formas de sociabilidades efetivadas pela forma-valor equivalente universal: a forma-dinheiro. A naturalização do valor é intrínseca à todas as formas da consciência moderna e não existe materialidade (físico-metafísico), que não se torna fetichizada, apesar de que, no presente caso, temos o consentimento divino para a aquisição do dinheiro e o seu "livre e abençoado" uso. No trabalho de campo pude observar que realmente há uma esperança transcendental na aquisição do dinheiro, fato que desperta o interesse dos indivíduos que estão condenados pelos ditames capitalista da pobreza e não vêem outra saída a não ser crer que a afirmação do dinheiro será o meio pelo qual a condição da pobreza será superada. Afirmar o dinheiro e buscá-lo com consentimento divino é necessariamente naturalizar o valor.

Nesse instante trago à tona a expressão “religião, ópio do povo”, não no sentido iluminista de “domínio das massas”, mas sim no viés de Marx (2010), onde a religião, enquanto instituição, provoca a estonteante ingestão de ópio, pois amortece as mazelas próprias do capital - neste caso trata-se da pobreza e,

consequentemente, de toda vulnerabilidade social (saúde, educação, moradia, saneamento básico, lazer, segurança e etc).

A aproximação entre a naturalização do valor e a teologia da prosperidade (pensamento puramente religioso) nos dará a sustentação teórica, somada à questão da simultaneidade negativa e à crise do valor para o desenvolvimento do tema da pesquisa.

Crise econômica, simultaneidade negativa e crescimento da religião Neopentecostal: uma aproximação

Todo levantamento teórico anterior teve como finalidade suscitar alguns embasamentos conceituais para subsidiar a hipótese da pesquisa que buscou observar criticamente o fenômeno de crescimento das Igrejas Neopentecostais nas zonas pobres das metrópoles paulistas (oriundos do processo de expansão simultânea e dialética do capitalismo), sobretudo com referência prática no bairro do Rio Pequeno.

Juntamente com resultados adquiridos em trabalho de campo, a aproximação propõe o pensamento analítico entre a contemporaneidade da crise econômica do sistema produtor de mercadorias - que atuaria como pano de fundo onde seus pressupostos categoriais não são recompostos - condizente com uma forma de consciência duplamente ficcionalizada.

Neste contexto econômico, haveria supostamente um crescimento do movimento religioso denominado neopentecostalismo, o qual apresenta uma doutrina de afirmação do mundo - uma forma de pensar puramente religiosa, em especial nas zonas pobres da metrópole paulista. Como ressaltado anteriormente, o

trabalho não pretende uma crítica focada, visto que não há forma-consciência moderna que escape do processo fetichista da naturalização do dinheiro.

O movimento religioso neopentecostal atuaria como mediador divino da aquisição financeira, o que resulta na crescente adesão de fiéis à forma de pensamento religioso proposta. Vimos que o *colapso* econômico implica na ficcionalização do valor, de modo que o produto final do trabalho sofre total dessubstancialização, e a forma-dinheiro que requer um pensamento religioso como forma de possibilitar a efetivação da vida social é tautológico (*fim em si*). O pensamento religioso seria o laço unificador, uma vez que é condição para a reprodução metafísica do valor (e consequentemente para todo modelo social capitalista) e é base para a arrebatadora teologia da prosperidade. Marx (2004) já trazia as reflexões a respeito da sacralização do dinheiro e, por conseguinte, da sacralização da crise - sendo esta condição social que possibilitaria a ascensão da Igreja Neopentecostal. A sacralização da crise é, em vista disso, o próprio pensamento religioso.

Seria então possível fazer uma relação lógica entre tais fenômenos e assim identificar correspondências causais entre sua reprodução simultânea no espaço e supor que, no atual momento do colapso financeiro, o pensamento religioso estaria supostamente exaltado e a Igreja Neopentecostal teria expandindo acompanhando esse movimento? Devo assumir que os desfechos da pesquisa nos fazem ter apenas um vislumbre, uma vez que, para averiguarmos os fatos com maior solidez seria necessário um horizonte amplo em observação no campo de pesquisa prático, além de maior leque teórico e experiência intelectual. De qualquer modo a aproximação está posta, pelo menos ao nível de análise que ela se pôs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração de toda pesquisa houve a intenção de problematizar a conjuntura do capitalismo contemporâneo em conjunto com o crescimento do Movimento Religioso Neopentecostal no distrito do Rio Pequeno associado às categorias universais do capitalismo. Podemos pensar, também, através desta, a respeito da reprodução do fenômeno como expressão em toda metrópole paulista. É de certo que vivemos em uma sociedade onde a efetivação das relações sociais se dá pela forma-dinheiro, um valor abstrato com fim em si (tautológico) que em última instância se apresenta como intermediação natural e não social. Não há instituição dentro do sistema produtor de mercadorias que esteja desvinculada da naturalização do valor e da necessidade de abstração do valor metafísico que detém a forma dinheiro, ou seja, o meio social está efetivado por um processo de riqueza abstrato que implica em sua positivação acrítica - como se o dinheiro fosse porventura tão evidente como a matéria natural dos objetos (Kurz, 2009). Poderíamos então supor que o pensamento religioso (metafísico) não foi superado como desejavam os intelectuais iluministas. Para conclusão do presente TGI considero a importância do debate acerca das analogias empregadas por alguns autores a respeito do Capitalismo e da Religião.

Ruy Fausto (1997), em sua obra Dialética Marxista e Dialética Hegeliana, (mais precisamente no apêndice da obra) faz uma preciosa crítica à concepção iluminista na compreensão do mundo. Neste, o pensamento moderno teria superado o encantamento do mundo. O encantamento estaria sublimado pelo pensamento puramente racional e que seria, desta maneira, desencantado das obscuras influências do pensamento religioso. O encantamento, nesse ponto de vista, é o próprio pensamento moderno, religioso. Marx (2013) quando trata das categorias do *valor* e do *fetichismo*, utiliza o recurso da analogia para sua explicação - o que consistiu numa operação de linguagem extremamente coerente, pois é através dessa analogia em meio ao “nebuloso campo da religião” que Marx busca o conceito

do fetichismo da mercadoria, análise que possibilita o entendimento de todo processo social (hieróglifo social) por de traz da forma mercadoria (Fausto, 1997). Isto posto, é possível pensar que o pensamento religioso não foi superado como vislumbrou o todo “bem intencionado” cientista positivista (Kurz, 2009). O pensamento religioso está em toda forma de consciência moderna ainda que o sujeito, em sua subjetividade, detenha uma orientação ideológica cética, ateia, agnóstica, ou que ainda seja o inverso, um religioso fervoroso, um fundamentalista e até mesmo um asceta hindu, sua forma de pensar será religiosa quando se tratar do *universo materialista* (Marx), a realidade social. A abstração do valor contido dialeticamente na mercadoria é *fetiche da mercadoria*, e transforma em natural o que é intermediado pela *forma dinheiro*, portanto fruto de um processo social. Como um mundo intermediado pelo fetichismo da mercadoria pode ser considerado desencantado, sendo que para sua efetivação (reprodução social) é necessária a abstração metafísica do valor?

O fetichismo carrega implicações da ideia de fantasmagoria social que, por sua vez, está intimamente ligada à compreensão dialética da possibilidade de pensar o social como contradição imanente com o natural (Fausto, 1997). O aspecto básico profundamente irracional consiste no movimento tautológico da forma-dinheiro, por esse retorno a si própria (D-M-D'), ter se transformado num movimento de fim-em-si abstrato e, justamente, substituído, assim, ao poder transcendente.

Para esta reflexão também trago outra arrojada analogia, que agora surge entre o sistema capitalista e a religião, elaborada por Walter Benjamin (2013) no qual vemos novamente o uso da analogia para tratar o pensamento religioso com o fetichismo da mercadoria. Benjamin traça três principais características: o capitalismo como religião cultural (talvez a mais extrema que já existiu), no qual todas as coisas só adquirem sentido quando estão ligadas à este culto; a duração permanente do culto, não existindo dia festivo no terrível sentido da ostentação de toda a pompa sacral e do empenho extremo do adorador; o culto, que, no lhe

concerne, é culpabilizado, consistindo numa religião que não se apresenta como reforma interior do ser (como supostamente ocorria nas sociedades pré-capitalistas), mas em seu próprio esfacelamento, apresentando-se como a própria expansão do desespero ao estado religioso universal do qual se esperaria a salvação. No capitalismo vislumbra-se uma religião, ou seja, no capitalismo essencialmente estão presentes a satisfação das mesmas preocupações, tormentos e inquietações que outrora eram as ditas religiões a dar respostas (Benjamin, 2013). A transcendência de Deus ruiu, mas ainda assim ele não está morto - ele foi incluído no destino humano (Benjamin, 2013). O recurso da operação analógica que evoca o nexo entre o capitalismo e a religião busca trazer ao plano da reflexão a irracionalidade interna e o aspecto metafísico-físico da relação social supostamente racionalista e superadora do pensamento religioso.

Conjuntamente elucidado a crítica de Kurz (2009) à própria noção da analogia (elaborado por Benjamin, 2013), no qual o ponto de analogia entre o Capitalismo e a Religião seria a constituição transcendental da própria relação social. O capitalismo não se encontra fundado numa transcendência, ou seja, não é uma religião (Kurz, 2009), mas ainda assim está constituído de forma transcendental, isto é: a forma-valor.

No entanto, a comparação corre o risco de transformar a crítica à sociedade da mercadoria em uma visão simplória e também em um ato de mistificar o processo social capitalista. Todavia, quando enxergamos a religião como relação de reprodução histórica detentora de determinada constituição das relações de vida, a analogia de Benjamin (2013) ganha profundidade e sentido. Seria então o Movimento Religioso Neopentecostal uma via de fetichizar a inclusão social ao ditames do capital, mesmo que sua condição de pobreza não seja superada? Não exclusivamente, pois todas as instituições dentro do capitalismo operam de modo fetichista, mas de fato a religião Neopentecostal apresenta peculiaridades em sua doutrina que associa a crença religiosa ao pensamento religioso e promove assumidamente a sacralização do dinheiro. No momento do colapso econômico, onde a

simultaneidade é expressa pela reprodução negativa do capital - ilegalidade, pobreza e não-propriedade - as pessoas que vivem nessas situações são excluídas do aparato assistencial do Estado de Direito, e assim, buscam uma esperança no desigual mundo da mercadoria pelo viés do sagrado.

Pensando novamente na referência à forma-dinheiro, fetichista em sua condição de existência, com as práticas da constituição religiosa em questão (Neopentecostal), a determinação do capitalismo como religião remete, ainda assim, à uma “falsa objetividade” que é intrínseca à dialética fetichista sujeito ☐ objeto e que torna o processo desencadeado reconhecível e explicável, mas justamente apenas sob a forma da crítica radical (Kurz, 2009), ao passo que o movimento neopentecostal se apresenta, no plano do discurso como consciência afirmativa, como uma “religião natural”, mesmo na teoria e na análise, mas que, em última instância, é produto do processo social já que reproduz as categorias dialéticas do capitalismo como por exemplo a naturalização do dinheiro.

Dessa forma, para a compreensão crítica do crescimento das Igrejas Neopentecostais, a pesquisa, antes de levantar uma aproximação teórica, buscou reforçar a necessidade de uma análise que frise o processo de crescimento do neopentecostalismo com a crise econômica capitalista e a simultaneidade dialética na construção do espaço, em especial a metrópole paulista, demonstrando ser uma aproximação imprescindível para pensarmos os motivos de sua expansão. Assim, o processo de crescimento das Igrejas Neopentecostais teria sido intensificado concomitantemente à atual crise do capitalismo, o que necessariamente implica em uma forma de consciência moderna que o reproduza como tal.

Antes de encerrar, ressalto alguns aspectos de sociabilidade enfáticos do neopentecostalismo, como o termo da anomia (Mariano, 1999), que remete à possibilidade do fiel de encontrar solução individual ou refúgio religioso para lidar com seus problemas individuais e sociais, o que de fato foi observado em trabalho de campo, conjuntamente com as ações de amparo aos indivíduos que sofrem de

problemas de saúde. Também destaco a quebra do monopólio religioso do catolicismo e do consequente enfraquecimento institucional da Igreja Católica. O Movimento Neopentecostal aparece, em vista disso, como "movimento popular", sendo que este, por sua vez, ajudaria o fiel a lidar subjetivamente com os problemas oriundos da reprodução capitalista, assim como Benjamin (2013) entende a religião no sentido moderno: como uma relação de fé subjetiva e como um culto exterior que tem a finalidade de canalizar problemas psíquicos e sociais, mas sobretudo, finalizo a pesquisa com a tradicional perspectiva do jovem Marx a respeito da religião no mundo moderno:

A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo. (MARX, 2006, p. 145)

BIBLIOGRAFIA

- ALFREDO, Anselmo. **Crítica à economia política do desenvolvimento e do espaço.** 1 ed. São Paulo: Annablume, 2013.
- _____. **Civilidade, Fetichismo totalitário, Sob a Contradição Capital Trabalho, Sociedade Civil e Modernização Crítica.** São Paulo: 2011.
- _____. **Crise imanente, abstração espacial. Fetiche do capital e sociabilidade crítica.** Terra Livre, São Paulo/SP, Ano 26, V.1, n. 34 p. 37 Jan-Jun/2010b.
- BENJAMIN, Walter; LOWY, Michael (Org.). **Capitalismo como religião.** 1 ed. Boitempo, 2013.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** 34 ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- DAMIANI, Amélia Luisa. **A Urbanização Crítica na Metrópole de São Paulo a partir de Fundamentos da Geografia Urbana.** [Editorial] ANPEGE, número 5, p. 39 à 53, abril/agosto. São Paulo, 2009.
- FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **Pentecostalismo, Urbanização e Periferia: Perspectivas teóricas.** Revista on-line: *PARALELLUS*, número 4, p. 181 a 192, julho/dezembro. Recife, 2001. Disponível em: <www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/197/191>

- FAUSTO, Ruy. **Dialética marxista, dialética hegeliana.** 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** 2 ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- KURZ, Robert. **O dinheiro sem valor.** 1 ed . São Paulo: Antígona, 2009.
- _____ . **O colapso da modernização da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial.** 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** 2ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____ . **Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço.** Revista on-line: *Perspectiva Teológica*, número 119, p. 11 a 36, janeiro/abril. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://sociologia.fflch.usp.br/sites/sociologia.fflch.usp.br/files/Sociologia%20do%20crescimento%20pentecostal%20no%20Brasil.pdf>>
- MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital.** São Paulo: Boitempo, 2013
- _____ . **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica a Economia Política.** São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** São Paulo: Boitempo, 2006.

- Origins Religious Thought Belief in the supernatural may have emerged from the most basic components of human cognition. [Editorial] *Scientific American*, volume 301, número 3, p. 78, setembro. 2009.
- PONCIANO, Levino. **São Paulo: 450 Bairros, 450 Anos.** ed 1. São Paulo: Senac, 2004.
- SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana.** 3 ed. São Paulo: Edusp, 2009.
- _____. **A urbanização brasileira.** 5 ed. São Paulo: Edusp, 2005.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação: apontamentos para o estudo do bairro e da memória urbana.** In: SPOSITO, M. E. B. (Org.) *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: UNESP / GAsPERR, 2001.
- SOUZA, B. M. de. **A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo.** São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Os agentes modeladores das cidades brasileiras no período colonial.** Em Castro, I. E; Gomes, P. C. C.; Correa, R. L. (orgs) *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo. Companhia Das Letras, 2004.